

43º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS

SPG02 Abordagens transnacionais do pensamento político

As Expressões da Divisão Internacional do Trabalho Intelectual:
Um Estudo a Partir do Debate Internacional em Revistas de Teoria Social

Matheus Almeida Pereira Ribeiro
Doutorando em Sociologia – (Bolsista CNPq)
Departamento de Sociologia
Universidade de Brasília

As Expressões da Divisão Internacional do Trabalho Intelectual: Um Estudo a Partir do Debate Internacional em Revistas de Teoria Social¹

Matheus Almeida Pereira Ribeiro²

Resumo: Este paper apresenta os resultados de um estudo sobre as expressões da divisão internacional do trabalho intelectual a partir do debate internacional em revistas de teoria social. A investigação focou em quatro revistas: *Theory, Culture and Society*; *European Journal of Social Theory*; *Sociological Theory* e *Theory and Society*. A análise contou com um levantamento do perfil nacional e regional dos pesquisadores que publicaram nos periódicos entre 2000 e 2016 e dos membros de comitês editoriais, além de um estudo comparativo entre o tipo de objeto estudado por pesquisadores do Sul Global e Reino Unido. Notou-se que as revistas expressam características da divisão internacional do trabalho intelectual, devido a: baixa presença de intelectuais do Sul em número de publicações; domínio dos comitês editoriais por intelectuais do Norte; ausência de crescimento da participação do Sul Global durante os últimos 17 anos; e diferenças entre o tipo de objeto pesquisado por intelectuais do Sul em comparação com pesquisadores do Norte. Argumenta-se que existe uma inserção qualitativa e quantitativamente periférica do Sul Global nos debates de teoria nas revistas analisadas.

Palavras-Chave: Teoria Social, Divisão Internacional do Trabalho Intelectual, Sul Global, Geopolítica do Conhecimento, Circulação de Conhecimento.

Introdução

O debate acerca da globalização/internacionalização das ciências sociais tem servido de espaço profícuo para intervenções intelectuais interessadas em mensurar a maneira como a expansão global do campo é conformada a partir de uma estrutura de centro e periferia. Apesar das ciências sociais se encontrarem presentes em todas as regiões e países do mundo, acompanhando um aumento global da produção de livros e artigos, nota-se que a mundialização da disciplina se faz a partir da reprodução de um quadro marcadamente desigual (HEILBRON, SORÁ E BONCOURT, 2018). O ainda emergente campo de discussão global das ciências sociais é marcado por assimetrias claras nas formas de colaboração internacional, o que se expressa na tendência a estas ocorrerem majoritariamente entre

¹ Este artigo resume os principais resultados da dissertação de mestrado do autor, nomeada “As expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais de teoria social”. Para a realização da dissertação o autor contou com uma bolsa de mestrado da CAPES.

² É doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília e bolsista CNPq.
E-mail: matheus.sociologia.unb@gmail.com

intelectuais de nações europeias e dos Estados Unidos (HEILBRON, 2014). Em concomitância a isto, está o fato de que 50% das publicações de que se tem registro no *Social Science Citation Index* estão concentradas na América do Norte, seguida de países Europeus, que detêm 40% do montante. Este fato é ainda mais agudo por conta de dois terços de toda esta produção estar circunscrita a apenas quatro nações: Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e Holanda (GINGRAS E MSBAHNATANSON, 2010).

As assimetrias na circulação global de conhecimento, também têm sido compreendidas a partir do estudo de elementos como o fluxo de traduções de livros, que ocorre mais do Norte para o Sul³, do que o inverso, ou mesmo pela dificuldade de intelectuais de nações periféricas em serem publicados por editoras internacionais voltadas ao público estrangeiro (SAPIRO, 2018). A desigualdade global do fluxo de conhecimento no campo das ciências sociais é ainda mais aguda em se tratando dos debates na área de teoria social. Esta seara, que em geral conjuga o maior prestígio do campo, encontra-se deveras concentrada no eixo euro-atlântico (KEIM, 2008), matriz da maior parte das escolas de pensamento que são lidas internacionalmente e direcionam o trabalho sociológico no mundo contemporâneo.

Conectado a essa concentração do debate sobre teoria na Euro-América está o fenômeno da divisão internacional do trabalho intelectual, processo que tem sido alvo de reflexão de diversos intelectuais como Connel (2007), Alatas (2003) e Hountondji (1997), os quais apontam como a produção de teoria social encontra-se majoritariamente situada em universidades do centro relegando às nações da periferia o status de fontes de produção de dados e objeto de estudo. Este quadro vem sendo alvo da denúncia constante de intervenções críticas no interior das ciências sociais, as quais têm apontado para a necessidade de romper

³ A dicotomia Sul-Norte global, tem sido utilizada em trabalhos como os de Santos (2007), Comaroff (2012), Connell (2006) e Rosa (2014), e mantém sentido paralelo ao de classificações como periferia-centro ou primeiro e terceiro mundo. Entende-se por Norte as regiões do mundo, em sua maioria localizadas no eixo Euro-Atlântico que historicamente ocuparam, e ocupam, posições de poder no sistema-mundo capitalista, as quais, em sua maioria, possuíam os status de metrópoles coloniais entre os séculos XV e XX. Destacam-se nações como Reino Unido, França, Holanda, Alemanha, e Estados Unidos. A noção de Sul Global utilizada aqui carrega o mesmo sentido que o termo “periferia” utilizado por Maia (2011). Entende-se por Sul Global, assim como periferia global, as “regiões do mundo localizadas fora do eixo do Atlântico Norte e que se constituíram de forma subordinada na divisão internacional do sistema-mundo capitalista. Em sua maioria essas regiões foram objeto de processos colonizadores europeus a partir do século XV” (MAIA, 2011, p.72).

com o eurocentrismo que marca as ciências sociais (PATEL, 2009), (HANAFI, 2014), (BEIGEL, 2014), (SANTOS, 2007).

A observação de que a divisão internacional do trabalho intelectual se impõe enquanto elemento crucial para a compreensão da geopolítica do conhecimento sociológico contemporâneo, serviu de fundamento para a escolha do objeto de deste artigo. Em meio ao número diverso de formas de expressões deste fenômeno decidiu-se focar em um estudo a partir de revistas internacionais de teoria social. Tal escolha se justificou justamente pelo entendimento de que as revistas de teoria operam um papel central na definição das relações de poder no campo sociológico (MARTÍN, 2013) e, como mostra a literatura, ao serem os principais meios de circulação da teoria social hoje, possuem severa importância na definição de agendas, objetos, conceitos e metodologias que são utilizados por pesquisadores ao redor do mundo (ROSA, 2016).

Para a realização desta investigação, realizou-se um estudo de focado em quatro revistas de prestígio e impacto internacional: *Theory Culture and Society*, *European Journal of Social Theory*, *Theory and Society* e *Sociological Theory*. Foram realizados três tipos de levantamento de dados: 1- Levantamento do perfil nacional dos intelectuais que publicaram nas revistas entre os anos de 2000 e 2016; 2 – Levantamento do perfil nacional de comitês editoriais e; 3 – Levantamento das diferenças entre o tipo de objeto pesquisado por intelectuais do Sul Global em comparação a pesquisadores britânicos que publicaram nos periódicos. Esses dados foram interpretados em diálogo com a literatura que tem se debruçado sobre a geopolítica da produção e circulação do conhecimento. No primeiro tópico deste artigo recuperam-se algumas das reflexões que tem tratado o tema da geopolítica do conhecimento, seguido da apresentação do objeto e metodologia utilizada na pesquisa para então a apresentação dos resultados.

A Geopolítica do Conhecimento: Colonialidade, Eurocentrismo e Teoria Social

Algumas correntes que tem discutido a geopolítica do conhecimento, traçam a experiência do colonialismo enquanto evento fundamental para a compreensão das assimetrias globais hoje experienciadas no campo das ciências sociais. Uma das principais abordagens no interior deste campo são as contribuições das correntes decoloniais, também conhecidas

enquanto “Grupo Modernidade/Colonialidade”, as quais, foram influenciadas diretamente pelo grupo dos Estudos Subalternos formado na Índia (BALLESTRIN, 2013). As abordagens decoloniais, interessavam-se em compreender o papel da experiência colonial para a formação das hierarquias estruturantes das sociedades latino americanas, entre as quais destaca-se o impacto na forma como a experiência do colonialismo, sob o discurso retórico da modernidade, moldava relações de poder no âmbito do saber. Nessas correntes, expressas nos trabalhos de autores como Quijano (2000), MaldonadoTorres (2008), Grosfoguel (2008), Mignolo (2003) e Walsh (2007), uma das contribuições centrais é o papel de como o epistemicídio das populações nativas americanas foi importante à sustentação de uma clivagem entre conhecimento relevante e irrelevante. O epistemicídio do pensamento dos povos indígenas, aliado à imposição das formas de saber europeias, calcadas no pensamento científico, deu forma a uma estrutura de poder no campo do conhecimento na qual os modos de pensar o real só possuiriam caráter de relevância quando realizados a partir da linguagem europeia de ciência.

Nestas abordagens, assim como na dos pensadores pós-coloniais, o eurocentrismo ocupa um papel central. Em ambas matrizes de estudo é assinalado como a experiência colonial se desenhou a partir de um discurso de legitimação geral baseado em uma diferença abissal (SANTOS, 2007) entre a Europa e o resto do mundo. Aquela, definia-se por uma série de hierarquias simbólicas que conformavam o continente europeu a ocupar sempre o espaço, por definição, da modernidade, universalidade, superioridade e emancipação, enquanto as colônias definir-se-iam como local do particularismo, da inferioridade, do atraso e da ausência de racionalidade (PATEL, 2009). Este tipo de reflexão, que toma o eurocentrismo enquanto elemento crucial à compreensão da investida colonial, encontrou bastante ressonância e difusão em uma das principais obras do pensamento pós-colonial “O Orientalismo” de Said (1979) que trabalha o modo como a tradição britânica orientalista cumpriu um papel de reprodução de um imaginário social que exaltava o império britânico e relegava ao oriente a condição de fonte estéril à produção de qualquer conhecimento relevante. Há em comum entre essas abordagens a ênfase no modo como a diferenciação entre conhecimento relevante e irrelevante teria sido moldada diretamente por relações de poder, fundamentais à manutenção do sistema colonial.

A influência do colonialismo na hierarquização do campo do conhecimento também encontra ressonância nos trabalhos de Hountondji (1997) e Alatas (2003) e Connell (2012) os quais se detiveram com mais profundidade sobre o problema de divisão internacional do trabalho intelectual. Estes autores apontam como a experiência do colonialismo estruturou uma divisão de tarefas, que de certa forma espelhava características do próprio sistema de exploração econômica, onde as colônias serviriam de espaço para a coleta e produção de dados que seriam processados e analisados com maior acurácia nas metrópoles. Este sistema, inicialmente desenvolvido partir do controle colonial da gestão de escolas, universidades e editoras, fora combinado com a produção de um imaginário social que condicionava um papel secundário aos intelectuais dos países colonizados. Criavam-se as bases para o que veio a se tornar um complexo sistema calcado numa estrutura de centro e periferia, o qual definiria a forma da produção e hierarquização no campo do conhecimento global contemporâneo. Esta divisão hierarquizada do trabalho circunscreveria os limites de atuação de intelectuais e cientistas, definindo aqueles que deter-se-iam à coleta de dados e os que trabalhariam com as reflexões sobre estes e sua sistematização teórica. Mais do que isso, também definir-se-iam a partir daí aqueles com poder de estudar apenas questões locais e os que se deteriam sobre os temas globais e/ou abstratos.

Mais do que isso, convém mencionar a influência que tal sistema passaria a impor do ponto de vista psico-sociológico aos intelectuais de países periféricos, a qual foi teorizada por Alatas S. H (2000) e Hountondji (1997). Alatas, S. H. (2000) chamou de “mentalidade cativa”, o produto deste processo, marcado pela incorporação, no intelectual periférico, de uma dificuldade em acreditar na sua possibilidade criativa, em realizar trabalhos de envergadura, ou mesmo capazes de tratar de temas que envolvem a produção de teoria. Além disso, estes pensadores acabariam por incorrer no vício em orientar as suas produções a partir de temas, problemas e questões caras às realidades dos centros europeus, muitas vezes incomensuráveis às realidades locais, processo que foi conceituado por Hountondji (1997) sobre a definição de “extroversão mental”.

Este problema, acerca da submissão intelectual à produção de países do Norte, também encontrou eco na produção intelectual brasileira, com ênfase à discussão de Guerreiro Ramos sobre a necessidade de assimilação crítica da sociologia estrangeira, em solos nacionais. Este,

advogava a ideia de redução sociológica, que operaria por um viés crítico e revisionista, na contraposição ao que chama de “correntes doutrinárias” e “métodos e processos dominantes” (RAMOS, 1996, p, 9). Ramos (1996) direcionava sua crítica à estrutura dependente do raciocínio sociológico brasileiro, que nos termos do autor seria caracterizada pelo uso “mecânico” e “servil” da produção intelectual estrangeira, ou, dito em outras palavras, pela reprodução de uma “sociologia enlatada” ou “sociologia consular”. A investida do autor sinalizaria para a necessidade de adequação das teorias de fora às características que definem a realidade concreta brasileira, distanciando-se da imposição irrefletida de quadros mentais estrangeiros.

A partir dessa breve recuperação de algumas contribuições que têm tratado da geopolítica do conhecimento, é possível observar como a produção científica é objeto diretamente perpassado por relações de poder globais e historicamente constituídas. A experiência do colonialismo, tendo o eurocentrismo enquanto discurso de justificação, conformou as estruturas de produção de conhecimento no contexto global, de forma a estruturar um sistema de divisão de trabalho que ajuda a reproduzir, em nosso cotidiano, relações de poder e prestígio acadêmico que privilegiam nações do Norte. É em diálogo com estas contribuições que se insere este artigo, em que se trabalha com as expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais de teoria social. No tópico a seguir apresenta-se a justificativa para a escolha do objeto e metodologia empregada na investigação.

Justificativa e Metodologia

Compreender a conjuntura de aguda desigualdade no interior das ciências sociais, passa necessariamente por dar sentido ao que define o que se entende como um acesso legítimo ao campo e estrutura suas hierarquias internas. A publicação em periódicos internacionais apresenta-se enquanto elemento central à compreensão do acesso legítimo do pesquisador ao campo, pois, além de proporcionar o diálogo com os pares, garante prestígio e influência sobre agendas e debates de sua área MARTÍN, (2013). Este acesso à publicação internacional, permite, em alguns casos, que o pesquisador seja preferido em seleções para vagas de emprego, mantenha seu cargo em sua instituição de vínculo ou mesmo garante-lhe

o acesso a recursos que o permitem seguir pesquisando e publicando. Devido a isso, ao passo que a publicação passa a ser, cada vez mais, o parâmetro fundamental de excelência acadêmica, fazendo com que instituições e agências de fomento pressionem pesquisadores a se inserirem em debates realizados em periódicos internacionais de alto impacto, o próprio campo acadêmico passa a tomar a publicação enquanto a principal forma de hierarquizar os pesquisadores. Por consequência impõe-se à produção das ciências sociais a lógica do “*publish or perish*”, no sentido que a publicação funciona enquanto meio de sobrevivência e reconhecimento dentro do campo, definindo o acesso a cargos e financiamento e relegando os pesquisadores que não publicam a perecer nos debates internacionais de sua área (MARTÍN, (2013).

Por conta deste contexto, decidiu-se por investigar o fenômeno da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais, mais especificamente aquelas da área de teoria social, tendo em vista que a concentração do debate em teoria social no Norte Global seria um dos principais elementos que estruturam as hierarquias de poder que sustentam o campo das ciências sociais contemporâneas. Além disso, conforme assinalado por Connell (2007) e Rosa (2016), a teoria sociológica tem um caráter crucial na produção do campo, dado seu potencial ontoformativo, que define diretamente a forma como os cientistas sociais escolhem, descrevem, analisam seus objetos de estudo, e a quais elementos estes dão poder de explicação nas suas análises. Tratando a teoria social a partir de sua conexão com o contexto geopolítico, esta pesquisa delimitou o seu foco em um estudo que permite compreender, em casos específicos, de que maneira as relações de poder que estruturam o campo das ciências sociais se materializam em um objeto concreto.

Para a realização do estudo foram escolhidas quatro revistas de prestígio e impacto no debate sobre teoria, mais especificamente *Theory and Society*; *European Journal of Social Theory*; *Theory Culture and Society*; e *Sociological Theory*. A escolha dessas revistas baseou-se no uso de alguns rankings que buscam avaliar o impacto de periódicos, mais especificamente baseando-se no indicador SRJ, produzido pelo *SCImago Journal Rank*, e

outras métricas, como as utilizadas por Jacobs (2011), que se utilizam do índice h e índice h a partir de dados do *Google Scholar*.⁴

A partir da coleta de informações sobre os artigos publicados nos sites das revistas, produziram-se dados sobre: o perfil nacional e regional dos intelectuais que publicaram nessas revistas; o perfil nacional e regional de seus comitês editoriais; e dados sobre o tipo de objeto estudado pelos pesquisadores do Sul Global e do Reino Unido nos artigos. Para a análise desses dados foram utilizadas técnicas de estatística descritiva e análise qualitativa de títulos, palavras-chave e resumos de artigos publicados. Trabalhou-se com uma hipótese geral de que os periódicos analisados expressam elementos estruturais da divisão internacional do trabalho intelectual. Buscou-se testar esta hipótese partir do estudo de quatro proposições específicas que tratam respectivamente: Da parcela quantitativa dos trabalhos do Sul Global no interior das revistas; do domínio do Norte e ausência de crescimento de publicações de autores do sul global nos anos analisados; da hegemonia do Norte Global sobre os comitês editoriais dos periódicos estudados; e da diferença entre o tipo de objeto estudado por pesquisadores do Sul e Norte Global.

Com o interesse em compreender o perfil nacional dos intelectuais que publicaram nestes periódicos, foram levantados dados de todas as edições correspondentes aos anos entre 2000 e 2016. Tomando este marco temporal, levantaram-se dados, como mostra a Tabela 1, de 69 edições da *European Journal of Social Theory*; 124 edições da *Theory Culture and Society*; 60 edições da *Sociological Theory*; 102 edições da *Theory and Society*, equivalendo a um total de 355 edições, 2.544 artigos e 2.271 autores. É importante ressaltar que as diferenças no montante de artigos e autores entre as revistas possuem relação com a quantidade de artigos por edição e número de edições por ano. A revista *European Journal Of Social Theory* possui 4 números por ano, com exceção do ano de 2015, com 5 números. *Theory Culture and Society* publicava 6 edições por ano, entre 2000 e 2005, passando a publicar 8 números de 2006 a 2016. *Sociological Theory* publicava 3 números por ano, entre 2000 e

⁴ Apesar da compreensão de que a noção de impacto, assim como os índices que buscam mensurá-la, possui limitações e é objeto de controvérsia, esta foi escolhida por permitir uma comparação mais exata entre as revistas e permitindo enxergar quantitativamente os periódicos que seriam mais lidos e citados no cenário global.

2003, depois vindo a publicar 4 números de 2004 a 2016. *Theory and Society* sempre publicou 6 edições por ano entre 2000 e 2016.

Tabela 01 – Informações gerais dos periódicos – 2000/2016

Periódicos	Nº Edições	Nº de Artigos	Nº de Autores
European Journal of Social Theory (EJST)	69	542	489
Theory Culture and Society (TC&S)	124	1.257	969
Sociological Theory (ST)	60	337	359
Theory and Society (TS)	102	426	454
Total	355	2544	2.271

Resultados

Perfil Nacional dos Autores I

O primeiro grupo de resultados a serem apresentados neste artigo diz respeito ao perfil nacional dos pesquisadores que publicaram nas revistas analisadas. É possível perceber uma constante em se tratando do topo das publicações. Nota-se que um grupo específico de países domina as primeiras posições em número de artigos, os quais se situam no continente Europeu e Norte-Americano, mais especificamente Estados Unidos, Reino-Unido, Alemanha e Canadá. Por mais que possam haver pequenas variações entre as revistas, as quais se expressam de maneira na diferença entre os periódicos europeus e os americanos, é notável que os 4 países citados têm a maior parte do conteúdo presente.

No caso das revistas baseadas no Reino-Unido, *Theory Culture and Society* e *European Journal of Social Theory*, é notável a liderança britânica, em ambos os casos, tendo a região alcançando o valor de 43,58% do total de publicações no primeiro periódico e 29,47% no segundo, entre 2000 e 2016. Os Estados Unidos apresentam-se em segundo lugar com 17,07% na TS&C e em quarto com 8,72% na EJST, enquanto a Alemanha ocupa o segundo lugar do EJST com 10,83% e o quinto em TCS chegando a posição de 4,58%. Já o Canadá, tem a sua melhor marca, entre as revistas baseadas na Europa, na *Theory Culture and Society*, em que alcançou os 4,72% com 67 artigos publicados dando-lhe o terceiro lugar, enquanto

atingiu a sexta posição no EJST, também com uma média de 4% do total. Em se tratando das revistas baseadas nos Estados Unidos, *Theory and Society* e *Sociological Theory*, nota-se que os Estados Unidos ocupam a primeira posição em número de artigos, com 392 em TS e 363 na ST, o que deixa o país com um domínio de 73,41% e 82,50% das publicações respectivamente. Já Reino-Unido e Canadá dividem os segundos e terceiros lugares com médias entre 3,5% e 4,0% nas revistas citadas, enquanto a Alemanha ocupa o quarto lugar em TS com 14 publicações (2,62%) e o quinto em ST com 5 artigos (1,14%).

A partir disso, é possível compreender que nas revistas de teoria analisadas, o debate gira em torno, majoritariamente, da produção sociológica de apenas 8 países, os quais podem ser divididos entre: a) Um grupo que em geral domina as 4 primeiras posições, com altas cifras e constância no tempo (Reino-Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá) e b) Um grupo que compartilha em geral as posições que vão do quinto ao oitavo lugar, (Austrália, Holanda, França e Dinamarca) - com pequenas variações como no caso de *Sociological Theory*. Os dois grupos, se somados, chegam a uma média de 74,62% do total de publicações, entre artigos e resenhas, das revistas baseadas no Reino-Unido e 92,34% dos periódicos estadunidenses. Além disso fica patente a diferença entre as revistas no quesito diversidade e extensão do domínio dos grupos A e B, já que nos periódicos baseados no Reino-Unido, além de possuírem um maior número de países, possuem um domínio dos grupos A e B menos extenso do que as dos Estados Unidos.

Tabela 02: Frequência de Países por Grupo em Todas as Revistas (2000 – 2016)

País/Revista	EJST	TC&S	TS	ST
GRUPO A: Reino-Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá	53,08%	69,95%	83,52%	91,59%
GRUPO B: Austrália, Holanda, França e Dinamarca	15%	11,21%	7,3%	2,27%
GRUPO A + GRUPO B	68,08%	81,16%	90,82%	93,86%

A partir destes dados, que descrevem o perfil nacional dos pesquisadores que publicaram nos periódicos analisados, é possível observar a forte hegemonia de países de língua inglesa. A presença no topo das publicações de Estados Unidos, Reino Unido e Canadá é expressão disto e pode ser explicada, em parte, pelo fato do modo com a tomada da língua inglesa, enquanto “língua franca” das publicações em periódicos internacionais de alto impacto nos rankings internacionais, privilegia nações que tem esta enquanto idioma oficial. Assim como afirma Martín (2013), este processo de adoção do inglês enquanto língua franca destes periódicos implica no aprofundamento das “desigualdades próprias de la división del trabajo académico, favoreciendo principalmente las regiones ya dominantes” (GINGRAS e MOSBAH-NATANSON, 1986, p. 153 apud MARTÍN, 2013, p. 3). Além disso a hegemonia da língua inglesa acabaria por favorecer não apenas a facilidade de pesquisadores de nações do Norte como Estados Unidos e Reino-Unido em submeterem artigos e adaptá-los segundo comentários dos pareceristas, mas também privilegiar a estrutura argumentativa e cognitiva que esta língua impõe, permitindo um ajustamento imediato entre o universo simbólico no qual o autor está inserido e a linguagem que utiliza em seu artigo.⁵

Porém, é necessário pontuar-se que a questão da língua inglesa deve ser analisada a partir da geopolítica que envolve a produção e circulação do conhecimento sociológico. Nota-se que países do Sul Global, que também possuem o inglês como língua oficial, como Índia ou África do Sul, não alcançam minimamente o número de publicações de nações que compartilham o idioma como Estados Unidos, Canadá e Reino-Unido. Esta constatação impõem a necessidade de se tomar outros elementos à explicação da baixa penetração de autores do Sul Global nas publicações dos periódicos. Infraestrutura material e grau de organização das instituições que permitem o exercício da atividade sociológica seriam outros elementos que, segundo Keim (2011), condicionam as chances de publicação internacional.

⁵ Conforme afirma Ortiz (2004), a linguagem carrega em si elementos associados com uma realidade concreta específica, e consequentemente impõe-se ao debate em periódicos internacionais um universo semântico que se ajusta com maior facilidade às realidades de nações que tem o inglês como língua oficial. Nesse sentido, o uso de certos conceitos e problemas de pesquisa, que se tornam hegemônicos nesses debates, ao passo que se realiza a partir do inglês, perpetua a hegemonia de um “único mundo” o qual traduz-se com facilidade nesta língua ao passo que pode não encontrar equivalentes em outros contextos. Este fenômeno é observado com clareza por Hanafi (2011) ao descrever o caso das ciências sociais no mundo árabe, ao notar o abismo conceitual entre o debate sociológico publicado em revistas em árabe e revistas em inglês.

Resulta daí a inferência de que em países do Norte Global, a presença de uma boa infraestrutura material condicionaria positivamente a inserção deles nos debates internacionais da disciplina. Maiores oportunidades em acessar editoras e livrarias, a presença de bibliotecas bem equipadas e tecnologias que facilitam a comunicação com os pares, ou mesmo o maior acesso a financiamento e boas condições de trabalho, seriam elementos importantes no favorecimento de nações do centro na internacionalização de suas contribuições teóricas.

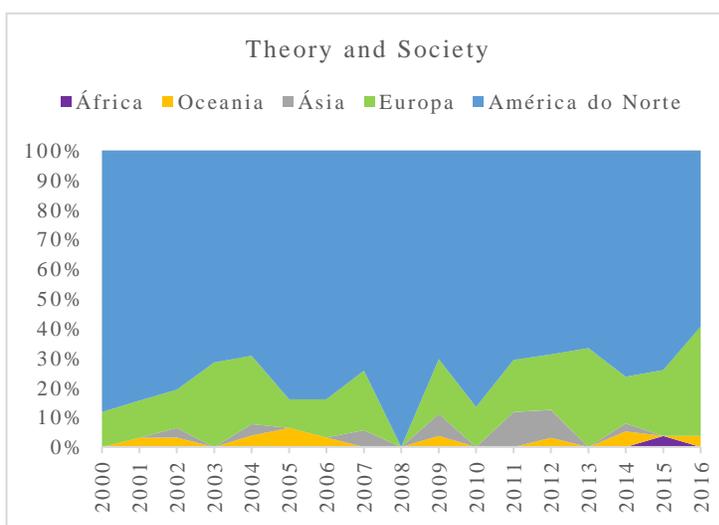
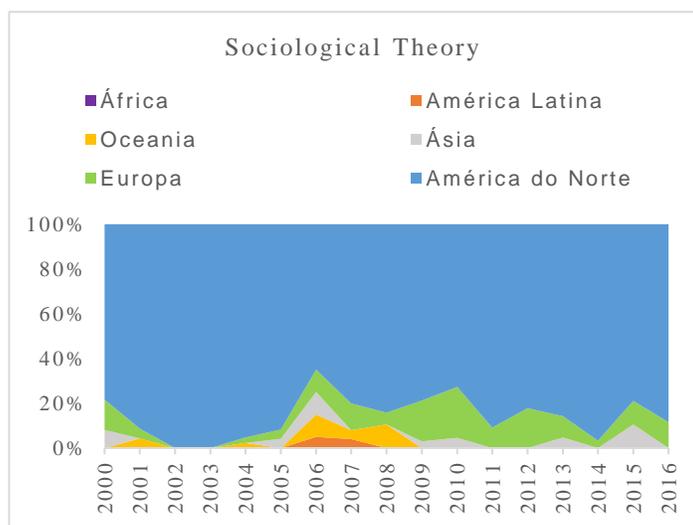
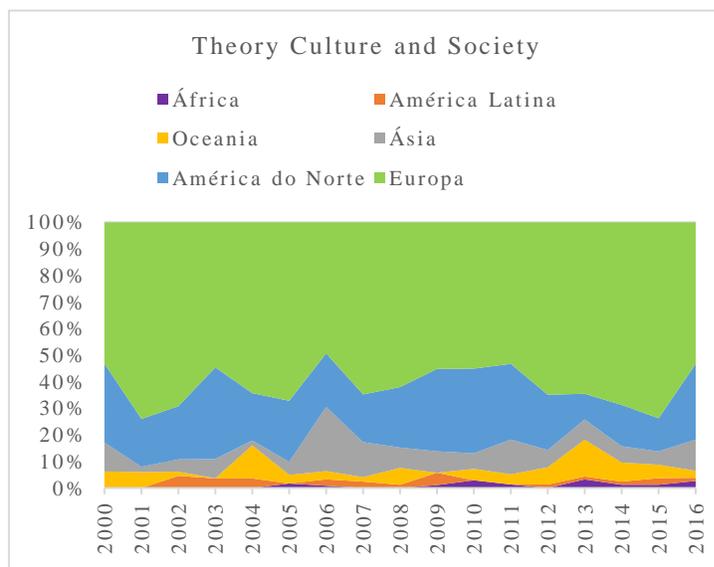
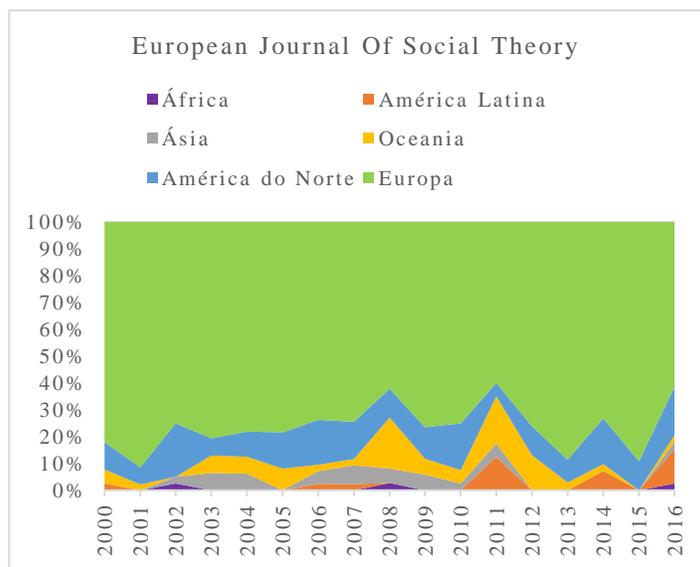
Todavia, é importante dizer que o papel da infraestrutura material e grau de organização das instituições não são fontes capazes de esgotar os condicionantes da baixa presença do Sul Global nas revistas. O reduzido número de publicações de nações da periferia e semi-periferia, como Argentina, Brasil, África do Sul e Índia, que possuem um elevado grau de institucionalização da atividade sociológica e boa infraestrutura, *principalmente se comparados com outras nações do Sul*, escapa em parte a este tipo de explicação. Por conta dessas limitações, o papel do estilo de escrita e as próprias representações produzidas pela divisão do trabalho foram apontados enquanto condicionantes que também devem ser considerados à explicação da baixa inserção do Sul nos periódicos.

Perfil Nacional dos Autores II – Variação de 2000 a 2016

Visando complementar os dados do tópico anterior, decidiu-se por analisar as variações, na composição nacional dos autores que publicaram nas quatro revistas, durante os 17 anos cobertos pela pesquisa. Essa investida permite um olhar mais atento para os dados, dando condições para que se observasse se haveria um aumento no número de publicações de intelectuais do Sul Global nos últimos anos e em que grau a hegemonia Euro-Americana seria, ou não, constante no tempo. A partir da análise do perfil nacional durante o intervalo 2000 e 2016, nas revistas baseadas no Reino-Unido, foi possível notar características que apontam a forte desigualdade entre regiões do Norte e Sul Global no que diz respeito à presença nos periódicos. Primeiramente infere-se que o domínio europeu, seguido do norte-americano, que foi observado no tópico anterior, não é resultado de uma concentração de intelectuais destas regiões em um momento específico no tempo, mas sim é produto de um processo contínuo e estável, no qual observa-se que as duas regiões concentraram nos últimos 17 anos a maior parte do conteúdo publicado.

Além disso, observa-se que no *European Journal of Social Theory e Theory Culture and Society*, não é possível aferir um crescimento da presença do Sul Global, o que poderia ser notado seja por aumento do número absoluto de publicações no tempo, seja do ponto de vista relativo, comparando-se o percentual do todo que coube ao Sul em relação ao Norte durante o período analisado. Além do crescimento não ter ocorrido nas condições mencionadas, observou-se que a inserção das nações do Sul Global nos periódicos é marcada por considerável instabilidade no tempo, já que a participação destes nas revistas manifestava-se em anos ou edições específicas, os quais, em vários casos, eram seguidos de momentos de queda drástica que chegava próxima a zero. Apesar desses baixos números que marcam o Sul em geral, é possível perceber, em ambas revistas, a proeminência da Oceania e Ásia sobre América Latina e África, além do fato de que, dentro dessas regiões, existe uma forte concentração entre nações específicas, que possuem estruturas acadêmicas e realidades econômicas bastante distintas do resto de sua região, o que remonta as desigualdades entre países dentro dos continentes. Isto fica explícito como o caso do domínio da África do Sul no contexto africano, Israel e Singapura na Ásia em geral, Brasil na realidade Latino-Americana e Austrália na Oceania. Por fim, também foi possível observar que nestes periódicos a presença do Sul encontra-se, em vários casos, associada a edição de números especiais ou temáticos, o que fica bastante tangível ao se observar os anos nos quais as nações da periferia obtiveram as maiores cifras.

Gráfico 1: Frequência relativa de Regiões no Tempo (2000 – 2016)



Parte considerável dessas características encontradas nas revistas baseadas no Reino Unido, também foram encontradas nos periódicos estadunidenses, *Theory and Society* e *Sociological Theory*. Contudo, é importante notar características específicas que destoam neste segundo grupo.

Enquanto nas revistas baseadas no Reino Unido, é notória a hegemonia do continente Europeu, seguido da América do Norte, em número de publicações, durante os últimos 17

anos, no caso dos periódicos estadunidenses, *Theory and Society* e *Sociological Theory*, essa relação se inverte, tendo em vista que a Europa passa a ocupar a segunda posição entre as regiões e a América do Norte passa a liderar o topo. Assim como nos periódicos Europeus, foi possível observar que não houve um crescimento estável nas publicações de intelectuais do Sul Global em ST e TS, seja em números absolutos seja em números relativos. A presença do Sul apresentou-se bastante esporádica e instável sendo acompanhada pela predominância, já encontrada nos periódicos europeus, da Oceania e Ásia sobre América Latina e África. Além disso, foi possível observar que o Sul Global alcançou seus piores números nas revistas norte-americanas, tanto no total de artigos, quanto na porcentagem ocupada pelo Sul Global em relação a outras regiões no tempo. Outro elemento em comum entre as quatro revistas é a desigualdade dentro das regiões do Sul, já que também se percebeu nos periódicos estadunidenses o predomínio da Austrália na Oceania, de Israel e Singapura na Ásia, Brasil na América Latina e África do Sul no continente africano.

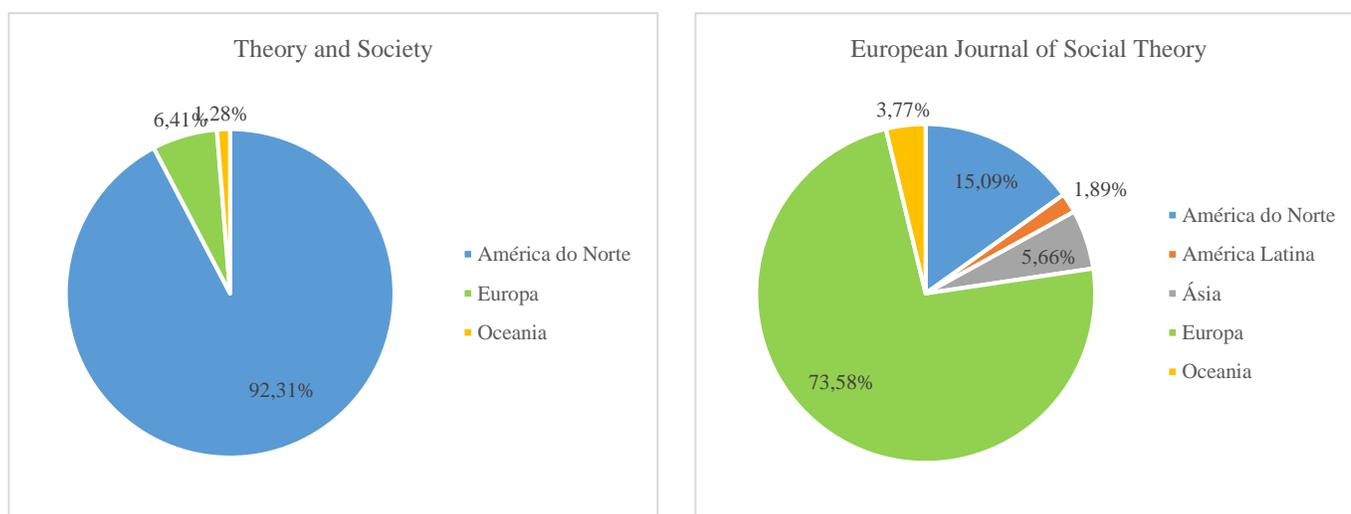
Esses resultados nos permitem refletir sobre a globalização das ciências sociais nos últimos anos e pensar na internacionalização da produção de intelectuais da periferia em periódicos de teoria. O predomínio, durante o intervalo de 17 anos entre 2000 e 2016, da hegemonia europeia e norte-americana acompanhada da ausência de crescimento de publicações de autores no sul global nas revistas analisadas, nos leva a questionar se o debate teórico das ciências tem se tornado mais internacionalizado ou diverso. Por mais que uma análise como esta, focada em um pequeno número de revistas, nas quais pauta-se discussões de caráter especificamente teórico da disciplina, não seja capaz de capturar o fenômeno da globalização das ciências sociais como um todo, - tendo em vista que este poderia se manifestar em frentes diversas -, é possível afirmar que nos casos analisados não se observa a formação de um debate mais plural nos últimos 17 anos, o que poderia levantar a pergunta de se outros periódicos, com características parecidas, também repetem tais padrões. Essas conclusões encontram paralelo com as reflexões de Heilbron (2014) que afirma que a globalização das ciências sociais ainda está em um estágio emergente e desenvolve-se a partir de uma estrutura de centro e periferia.

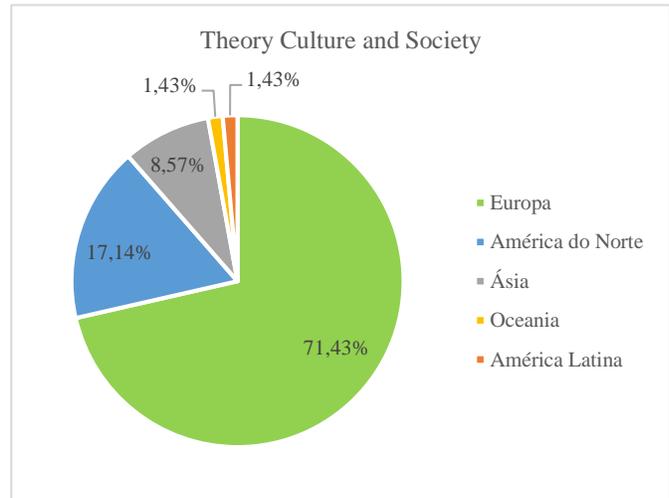
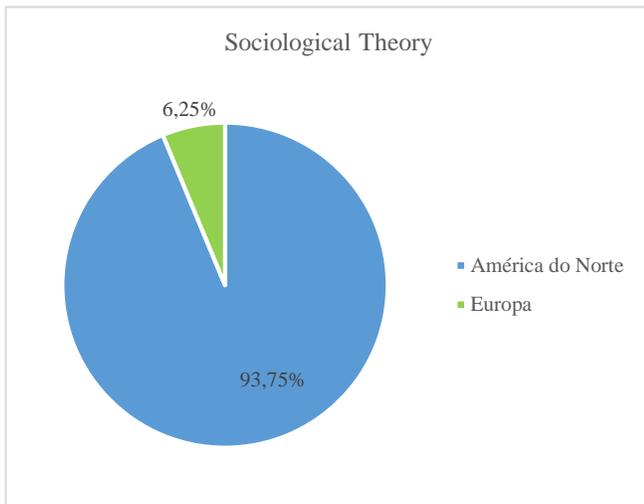
Perfil Nacional dos Comitês Editoriais

Para além do estudo do perfil nacional dos autores que publicaram nos periódicos, decidiu-se por analisar a composição nacional dos comitês editoriais de tais revistas. A partir de tal investida, é possível perceber que estes espaços também são impactados pela desigualdade entre regiões no mundo, expressando o contexto geopolítico no qual a produção e circulação do conhecimento se insere. O olhar sobre o país de vínculo dos editores destes periódicos nos mostra que a hegemonia das nações do Norte Global, encontrada no tópico anterior, que tratou do perfil nacional dos autores, também se repete no que diz respeito a composição dos comitês editoriais.

Além da hegemonia do Norte como um todo, nota-se que as nações com maior participação na frequência de publicações também possuem considerável número de editores nos comitês das revistas analisadas. De imediato é possível perceber como em todas as revistas existe uma forte presença de autores do que foi chamado no tópico anterior de países do “Grupo A”, ou seja, o núcleo dos países que concentram a maior parte do debate realizado nos periódicos, os quais, conseqüentemente, ocupam as primeiras posições em frequência de publicações.

Gráfico 2: Frequência de Regiões nos Comitês Editoriais





No que diz respeito aos periódicos baseados no continente Europeu, *Theory Culture and Society* e *European Journal of Social Theory*, todos os países do Grupo A, Reino-Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá possuem representantes. Assim como no caso da frequência de publicações, a nação onde a revista está baseada é aquela que possui o maior número de editores. A hegemonia Euro-Americana também se mostra patente no caso de *Theory and Society* e *Sociological Theory*, marcada pela presença acachapante de editores dos Estados Unidos.

Estes dados mostram como os comitês editoriais das revistas estudadas são majoritariamente compostos por intelectuais do Norte Global, mas, mais do que isso, percebe-se uma forte frequência de países que também possuem altos números de publicações, principalmente Reino-Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá. Foi possível observar que a presença de membros de nações do Sul Global⁶ é bastante pequena, o que se agrava nos periódicos baseados nos Estados Unidos.

Tais dados levantam reflexões acerca de uma possível correlação entre membros em comitês editoriais e frequência de publicações, o que favoreceria intelectuais do Norte Global que dominam os comitês. Como afirma Martín (2014) os editores científicos, apesar de não definirem a priori quem publica nos periódicos, realizam um papel importante seja de na

⁶ É importante mencionar que alguns países do Sul Global conseguem penetrar nestes comitês como o caso de Singapura, contudo faz-se necessário observar que existem desigualdades consideráveis entre países do Sul Global o que faz Singapura deoar pelas melhores condições de infraestrutura de suas instituições além de ser um polo que atrai pesquisadores do Norte por conta da oferta de bons salários.

divulgação da revista à redes de sociólogos relacionados ao editor, seja facilitando o convite à publicação e esclarecimento em relação às normas para fazê-lo. Neste sentido, pode-se afirmar que a concentração de editores em regiões da Europa e América do Norte provavelmente opera enquanto um facilitador da reprodução da concentração do Norte global no número de publicações, o que poderia explicar, em parte, a hegemonia euro-americana nos comitês das revistas.

Diferenças Temáticas entre Objetos de Pesquisa

Com o interesse em aprofundar a discussão sobre a divisão internacional do trabalho intelectual nas revistas estudadas neste artigo, decidiu-se por realizar uma análise mais extensa do tipo de objeto estudado⁷ pelos pesquisadores que publicaram nos periódicos. Esta iniciativa surgiu do interesse em compreender se as publicações de autores do Sul Global reproduziam algumas características que a literatura tem apontado enquanto típicas da posição da periferia na divisão internacional do trabalho, mais especificamente a tendência em trabalhar com estudos de caso e estudos sobre sua própria nação, em detrimento de trabalhos teóricos abstratos e estudos sobre outras nações/regiões.

A partir da análise de títulos, resumos e palavras chave, de toda a produção do Sul Global entre 2000 e 2016 em comparação com a produção do Reino Unido⁸, foi possível perceber uma clara diferença entre as nações do Sul Global, com mais ênfase na África e na América Latina, e o comportamento britânico no que diz respeito ao objeto estudado pelos pesquisadores. Observa-se que os intelectuais da periferia realizam, em sua maioria, estudos

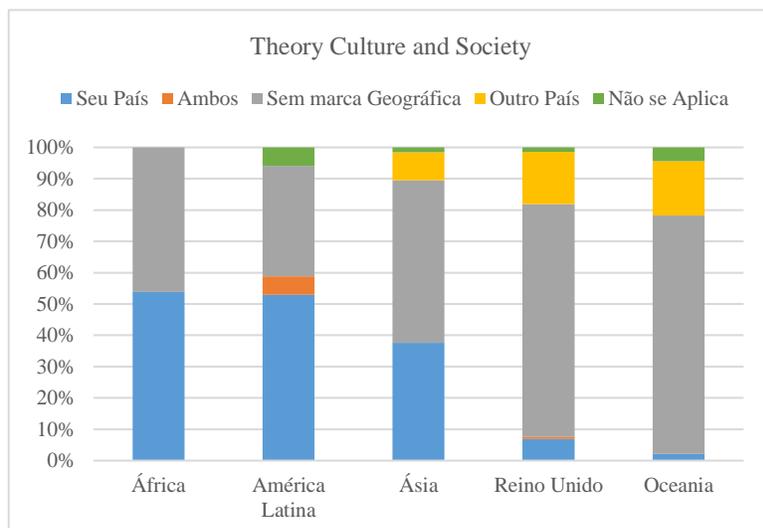
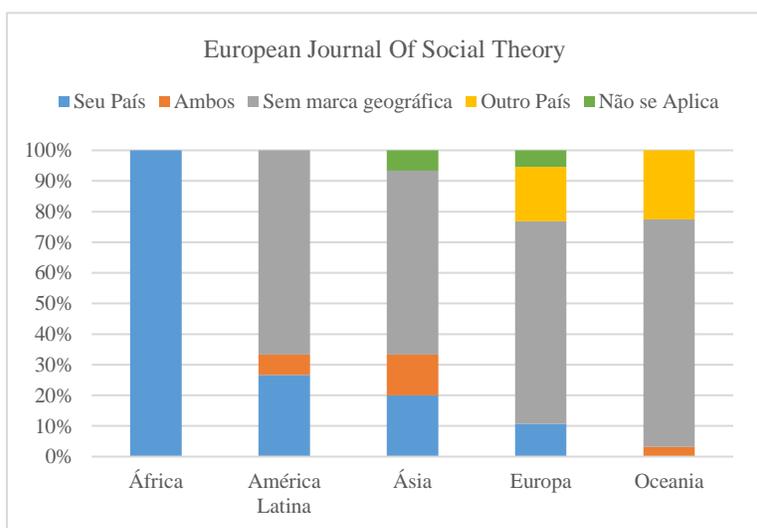
⁷ Para produzir esta análise decidiu-se trabalhar com a classificação de todos os artigos publicados por intelectuais do Sul Global entre 2000 e 2016, em quatro tipos de objeto: a) trabalhos exclusivamente sobre o país/região do pesquisador; b) trabalhos sobre o país/região do pesquisador e outro/outros país; c) trabalhos que não fazem referência a um contexto geográfico específico; e d) trabalhos sobre país/região distinta da do autor. Para tal classificação foi-se utilizado para análise os títulos, palavras chave e resumos dos artigos.

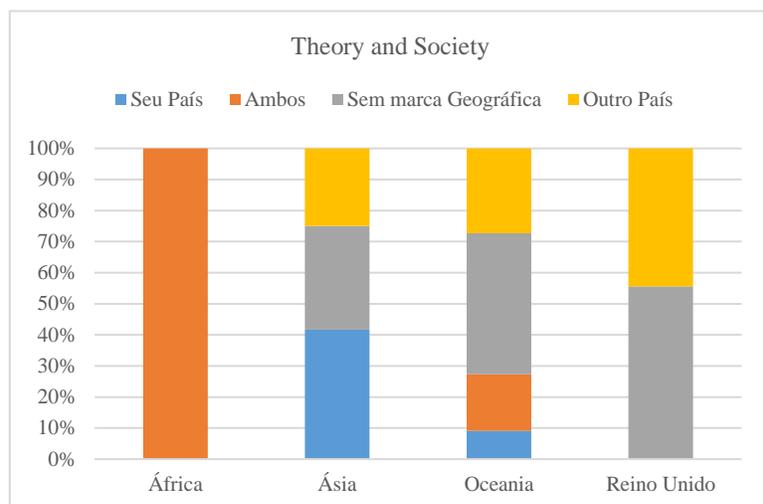
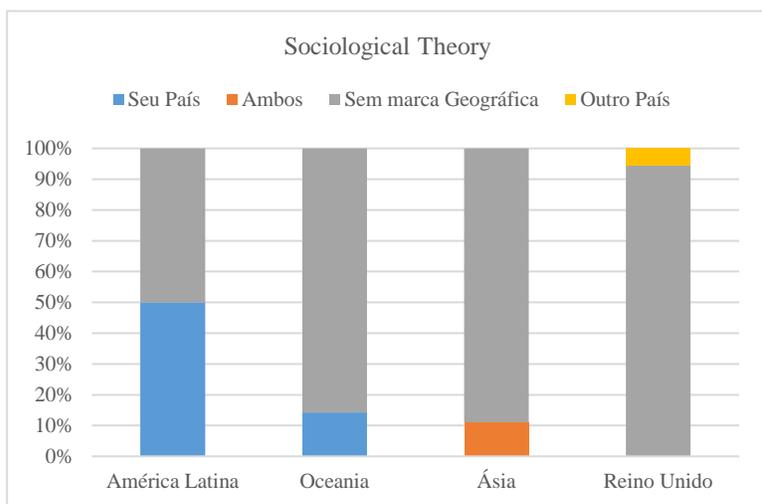
⁸ Tendo em vista a enorme quantidade de artigos publicados por pesquisadores Euro-Americanos, para fins comparativos, escolheu-se lidar com uma nação do Norte Global que fosse representativa deste grupo, o que levou à escolha do Reino-Unido, por ser uma nas nações com maior tradição no mainstream sociológico e, como observado nos dados dos capítulos e tópico anterior, ser um dos países com maior hegemonia nas revistas analisadas. No caso do Reino-Unido, devido ao grande número de artigos nas revistas *European Journal of Social Theory* e *Theory Culture and Society*, escolheu-se trabalhar com 3 biênios, 2000-2001, 2008-2009, 2015-2016, buscando não enviesar a análise em um período específico no intervalo 2000 – 2016. Nas revistas americanas, analisou-se todos os artigos publicados por autores do Reino-Unido durante o intervalo 2000 – 2016, já que o número não tão elevado de artigos viabilizou a análise de todos, excluindo a necessidade de levantar biênios específicos como nas revistas europeias.

focados em objetos que envolvem o país ou região do pesquisador, enquanto autores do Reino- Unido se debruçavam sobre objetos sem relação com realidades geográficas específicas. Além disso é possível observar a completa ausência, de intelectuais da África e América Latina, focados em estudos sobre outros países e regiões, categoria que se mostrou bastante presente no Reino- Unido.

Mais do que isso, foi notado que entre as regiões do Sul Global existem algumas diferenças importantes em se tratando do tipo de objeto analisado. Algumas nações se aproximaram mais de padrões que seriam típicos do Norte (Reino- Unido), enquanto outras situar-se- iam em consonância com as demais nações da periferia. Israel, Singapura, Chile e Austrália foram os países que mais se afastam de outras nações do Sul, estas possuem trabalhos que se assemelham mais àqueles realizados por pesquisadores do Reino- Unido do que africanos ou latino- americanos. Apesar de não ter sido possível um maior aprofundamento na explicação destes casos, um olhar sobre a trajetória de alguns intelectuais desses países desviantes, permite inferir que os dados podem estar relacionados com a formação destes autores em instituições do exterior ou mesmo com o fluxo de pesquisadores do centro para universidades destes países. A presença de pesquisadores com típicos nomes norte- americanos ou ingleses, em universidades de países como Singapura e Israel, corrobora esta hipótese.

Gráfico 3: Tipo de Objeto entre regiões (2000 – 2016)





À luz das reflexões de Connel (2007) e Alatas (2003) sobre a divisão internacional do trabalho intelectual, a observação de que regiões do Sul, mais especificamente África e América Latina, se detêm em estudos sobre seu próprio país pode ser explicada pelos papéis que definem a periferia global no interior da divisão do trabalho intelectual, nos quais estes locais não seriam tomados enquanto fontes de reflexão teórico-abstrata, mas enquanto meros espaços de coleta de dados e laboratório às teorias do Norte. Mais do que isso, a própria representação colonial que sustenta o eurocentrismo, onde a Europa apresenta-se enquanto o ser, racional e universal e o Sul enquanto o espaço do não-ser e do particular e do irracional, operaria enquanto um dos condicionantes do tipo de trabalho produzido pelo centro e pela periferia no campo sociológico. As diferenças quanto ao tipo de objeto entre regiões estudadas neste tópico representariam uma das formas de expressão da divisão internacional do trabalho intelectual que ao passo que estabelece papéis hierarquicamente dispostos entre centro e periferia condiciona a reprodução do Norte Global enquanto o local privilegiado de enunciação legítima da teoria social.

Além disso, em diálogo com os trabalhos de Keim (2008), poder-se-ia dizer que este padrão de inserção dos intelectuais do Sul Global nos debates do centro revela a pressão sobre tais pesquisadores à apresentarem suas regiões ou países enquanto “casos exóticos” em revistas do centro. Isto significa que o trabalho intelectual periférico sem interesse em investir em análises gerais ou teóricas, mas sim em apresentar elementos singulares, defeituosos, ou

mesmo exemplares das teorias do centro no seu país ou região de base, passaria a penetrar com maior facilidade no debate teórico internacional. Este fenômeno, que não se restringe apenas a revistas de teoria, mas encontra exemplos em vários espaços que constituem as ciências sociais, acabaria por engessar intelectuais do Sul a meros informantes da realidade para além das metrópoles, impedindo que sejam lidos enquanto intelectuais capazes de dialogar sobre questões mais gerais da disciplina como teoria, epistemologia e método.

Todavia cabe mencionar que não se interessa aqui por generalizar todos os estudos com marcadores geográficos a condição de reflexões cativas, focadas em estudos de casos ou particularistas, ressaltando que existem importantes contribuições emergentes que buscam trabalhar a produção de teoria justamente pela intercessão com questões locais e agendas autônomas, distanciando-se das reflexões “livres de determinações externas” que marcam uma parte do debate teórico euro-americano. As explicações aqui mencionadas enquadram-se apenas enquanto recursos possíveis à explicação do fenômeno e não esgotam suas múltiplas determinações.

Conclusões

As contribuições apresentadas neste artigo, ao trabalhar com o fenômeno da divisão internacional do trabalho intelectual, fornecem insumos à literatura que têm discutido a geopolítica da produção do conhecimento sociológico. A partir desta investigação foi possível compreender de forma mais concreta como a divisão internacional do trabalho intelectual se expressa em debates realizados em revistas de teoria, dando sentido à dimensão da hegemonia do Norte nestes espaços. O domínio do Norte sobre a produção de teoria apontado pela literatura enquanto estruturante da divisão internacional do trabalho intelectual, se faz presente nas revistas pela hegemonia dos pesquisadores Euro-Americanos sobre a maior parte das publicações, tanto em valores gerais quanto no comportamento dessas regiões no tempo entre 2000 e 2016. Além disso, a presença majoritária de intelectuais do Norte nos comitês editoriais também aparece enquanto elemento fundamental para a reprodução da divisão internacional do trabalho intelectual, tendo em vista a importância dos comitês na determinação do perfil nacional dos autores que publicam nas revistas. Por fim, foi possível observar que a separação entre estudos teóricos e gerais e estudos empíricos sobre o seu próprio país se fez presente no

conteúdo das publicações de autores do Sul Global e pesquisadores do Reino Unido, o que aponta uma forma de inserção periférica do Sul nos debates das revistas que contribui para reprodução das desigualdades e hierarquias que estruturam as ciências sociais hoje.

Esses dados apontam para elementos fundamentais à reprodução de papéis que condicionam intelectuais do Sul Global a se inserirem de forma periférica das discussões sobre teoria social. Por consequência também nos permitem observar estruturas que dificultam a expansão do potencial explicativo das ciências sociais, confinando o olhar sociológico a conceitos, narrativas, agendas e objetos que priorizam a experiência de uma parcela pequena da realidade mundial. Observa-se que existe um longo caminho para a construção de uma sociologia verdadeiramente global, capaz de criar espaços de debate equânimes entre regiões do mundo e, conseqüentemente, com chances de fazer circular reflexões teóricas alternativas às narrativas dominantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALATAS, Hussein. Intellectual imperialism: definition, traits, and problems. **Asian Journal of Social Science**, v. 28, n. 1, p. 23-45, 2000.

ALATAS, Syed Farid. Academic dependency in the social sciences: Reflections on India and Malaysia. **American Studies International**, v. 38, n. 2, p. 80-96, 2000.

ALATAS, Syed Farid. Academic dependency and the global division of labour in the social sciences. **Current Sociology**, v. 51, n. 6, p. 599-613, 2003.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 11, p. 89, 2013.

BEIGEL, Fernanda. Introduction: Current tensions and trends in the World Scientific System. **Current Sociology**. 2014.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John L. Theory from the South: Or, how Euro-America is evolving toward Africa. In: **Anthropological Forum**. Routledge, 2012. p. 113-131.

CONNELL, Raewyn. **Southern theory: The global dynamics of knowledge in social science**. Allen & Unwin, 2007.

CONNELL, Raewyn. Learning from each other: Sociology on a world scale. **The ISA handbook of diverse sociological traditions**, p. 52-66, 2010.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 09-20, 2012.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo em Lander. **Edgardo (org.) A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais—perspectivas latinoamericanas**, p. 55-70, 2000.

GINGRAS, Yves; MOSBAH-NATANSON, Sébastien. Where are social sciences produced?. **Europe**, v. 47, n. 43.8, p. 46.1, 2010.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

HANAFI, Sari. Donor community and the market of research production: Framing and de-framing the social sciences. **Facing an Unequal World: Challenges from Sociology**, v. 3, p. 3-35, 2010.

HANAFI, Sari; ARVANITIS, Rigas. The marginalization of the Arab language in social science: Structural constraints and dependency by choice. **Current Sociology**, v. 62, n. 5, p. 723-742, 2014

HEILBRON, Johan. The social sciences as an emerging global field. **Current Sociology**, v. 62, n. 5, p. 685-703, 2014.

HOUNTONDJI, Paulin. Scientific dependence in Africa today. **Research in African Literatures**, v. 21, n. 3, p. 5-15, 1990.

HOUNTONDJI, Paulin J. Producing Knowledge in Africa Today the Second Bashorun MKO Abiola Distinguished Lecture. **African Studies Review**, v. 38, n. 03, p. 1-10, 1995.

HOUNTONDJI, Paulin J. (Ed.). **Endogenous knowledge: Research trails**. African Books Collective, 1997.

JACOBS, Jerry A. Journal rankings in sociology: Using the H Index with Google Scholar. 2011.

KEIM, Wiebke. Social sciences internationally: The problem of marginalisation and its consequences for the discipline of sociology. **African Sociological Review/Revue Africaine de Sociologie**, v. 12, n. 2, 2008.

KEIM, Wiebke. Counterhegemonic currents and internationalization of sociology: Theoretical reflections and an empirical example. **International Sociology**, v. 26, n. 1, p. 123-145, 2011.

LANDER, Edgardo et al. (Ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005.

MAIA, João Marcelo Ehlert. Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa. 2009.

MAIA, João Marcelo E. O pensamento social brasileiro e a imaginação pós-colonial. **Revista Estudos Políticos**, n. 02, 2010.

MAIA, João Marcelo E. Ao Sul da Teoria: A atualidade teórica do pensamento social brasileiro. **Sociedade e estado**, v. 26, n. 2, p. 71-94, 2011.

MAIA, João Marcelo Ehlert; DE BRITO CARUSO, Gabriela. Uma trajetória intelectual periférica: Hussein Alatas e a sociologia autônoma. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 41, 2012.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 71-114, 2008.

MARTÍN, Eloísa. **(Re) producción de desigualdades y (re) producción de conocimiento: la presencia latinoamericana en la publicación académica internacional en ciencias sociales**. DesiguALdades. net, Research Network on Interdependent Inequalities in Latin America, 2013.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais-projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Ed. UFMG, 2003.

PATEL, Sujata (Ed.). **The ISA handbook of diverse sociological traditions**. Sage, 2009.

PATEL, Sujata. The Challenge of Doing Sociology Today. **Economic & Political Weekly**, v. 51, n. 46, p. 33, 2016.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power and Eurocentrism in Latin America. **International Sociology**, v. 15, n. 2, p. 215-232, 2000.

ROSA, Marcelo C. Theories of the South: Limits and perspectives of an emergent movement in social sciences. **Current Sociology**, v. 62, n. 6, p. 851-867, 2014.

ROSA, Marcelo C. Sociologies of the South and the actor-network-theory: Possible convergences for an ontoformative sociology. **European journal of social theory**, v. 19, n. 4, p. 485-502, 2016.

SAID, Edward. **Orientalism**. 1978. **New York: Vintage**, v. 199, 1979.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos-CEBRAP**, n. 79, p. 71-94, 2007.

UNESCO. **World Social Science Report** 2010. Paris: UNESCO Publishing. 2010.